

## composse

CARLOS NEJAR

*Encontrei o humano  
— o seu rosto inteiro —  
não somente traços.  
Já posso tangê-lo,  
posso conferi-lo.  
O que nêle sente  
é o estar ausente.*

*Não sou o relâmpago  
ou da terra a esfera:  
cada gesto é um resto  
que não nasceria  
dêsses atributos  
ou desta catarse.  
Sei que tudo nasce  
quando é humano o dia.*

*Onde a lei que rege  
tamanha alegria?  
Onde as tábuas do homem,  
as chaves da vinha?  
O que arbitramos  
com legiões de regras,  
às vêzes — tão cegas  
e outras — tão severas?*

Encontrei o humano,  
encontrei os sêres,  
frágeis e variáveis,  
que me são espelho.  
Mas de quem o reino?  
Como inventariarmos  
tanto latifúndio  
se moramos nêle  
cada vez mais fundo?

Livro-me do cerco  
que a posse me estende.  
Encontrei o humano  
com a idade da noite.  
Caminhamos juntos.

Uma nova ordem  
há de ser mantida:  
as coisas do homem  
e as coisas da vida.  
Nessa relação  
de bens em partilha,  
tem prioridade  
o que fôr da vida.

Sei que tu persistes,  
alma, complacente  
vendo as coisas sôltas  
na fria corrente  
de um rio sem leito,  
onde as águas grades  
a fluir nos prendem!

Sei que tu persistes,  
sem vazão, ó alma,  
na decisão  
de vestir as coisas  
com nossa razão,  
tu que não repousas,  
penosa alavanca  
entre o sim e o não!

Rio de brevidades:  
os nomes se vão  
a um lugar de aves  
para a migração.  
Eva, Pedro, João  
irão separar-se  
de seus locatários.  
Seremos anônimos,  
seremos chamados  
pelo que nós somos  
na casa de cômodos.

À morte, o perigo,  
as perplexidades  
não entram comigo.  
Ficam noutra parte,  
restam na soleira  
dessa eternidade.

(Ordenações [I, II, III, IV, V] Editôra Globo)